

BULLYING NA ESCOLA: COMO IDENTIFICAR E PROMOVER A CULTURA DA PAZ E DA TOLERÂNCIA

Ana Maria Farias Nascimento¹

Denize Gomes da Silva²

Patrícia Barbosa Freire da Silva³

Sidneide Vieira dos Santos⁴

Rozineide Iraci Pereira da Silva⁵

RESUMO: O bullying escolar constitui um problema relevante no contexto educacional contemporâneo, afetando de maneira significativa o desenvolvimento emocional, social e acadêmico de crianças e adolescentes. Caracteriza-se por comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, que envolvem desequilíbrio de poder entre agressor e vítima, podendo se manifestar de forma física, verbal, psicológica ou virtual. Este artigo tem como objetivo discutir estratégias para a identificação precoce do bullying no ambiente escolar, destacando sinais comportamentais, emocionais e físicos que podem indicar situações de vitimização ou prática de agressão.

Além disso, enfatiza a importância da atuação conjunta entre escola, família e comunidade na construção de um ambiente seguro e acolhedor. São apresentadas práticas pedagógicas voltadas à educação socioemocional, à mediação de conflitos e à valorização da diversidade, como caminhos eficazes para a prevenção da violência. O estudo também ressalta o papel das políticas institucionais e da formação continuada de educadores na promoção de intervenções assertivas. Por fim, defende-se a implementação de ações permanentes que incentivem o respeito mútuo, a empatia e o diálogo, fundamentais para a consolidação de uma cultura de paz e tolerância no espaço escolar. Dessa forma, contribui-se não apenas para o bem-estar dos estudantes, mas também para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e comprometidos com a convivência ética e democrática.

1

INTRODUÇÃO

O bullying escolar configura-se, na contemporaneidade, como um fenômeno social complexo e multifacetado, que tem despertado crescente atenção no campo educacional,

¹ Discente do curso mestrado em Ciências da Educação da Christian Business School-CBS.

² Discente do curso mestrado em Ciências da Educação da Christian Business School-CBS.

³ Discente do curso mestrado em Ciências da Educação da Christian Business School-CBS.

⁴ Discente do curso mestrado em Ciências da Educação da Christian Business School-CBS.

⁵ Ph.D. Doutora em Ciências da Educação, Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Psicopedagoga, Pedagoga, Analista do Comportamento Aplicada, Especialista em Escrita Acadêmica Avançada, Professora do Ensino Superior e professora orientadora da Christian Business School-CBS.

psicológico e social. Trata-se de uma forma específica de violência interpessoal, caracterizada por comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, perpetrados em um contexto de desequilíbrio de poder entre os envolvidos. Essa prática pode manifestar-se por meio de agressões físicas, insultos verbais, exclusão social, intimidação psicológica e, mais recentemente, por meio do cyberbullying, ampliado pelas tecnologias digitais. Tal fenômeno compromete não apenas o ambiente escolar, mas também o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento integral dos estudantes, afetando dimensões cognitivas, emocionais e sociais.

Do ponto de vista teórico, o bullying é compreendido como uma expressão de relações de poder assimétricas e de fragilidades nas competências socioemocionais, como empatia, autorregulação e resolução de conflitos. Estudos evidenciam que tanto vítimas quanto agressores estão expostos a riscos significativos, incluindo dificuldades acadêmicas, problemas de saúde mental, isolamento social e perpetuação de comportamentos violentos ao longo da vida. Nesse sentido, a escola, enquanto espaço privilegiado de socialização, assume papel central na identificação, prevenção e enfrentamento dessas práticas, sendo também responsável por promover valores éticos e formas de convivência pautadas no respeito às diferenças.

A presente pesquisa insere-se nesse contexto e tem como propósito analisar de forma crítica e reflexiva como o bullying pode ser identificado no ambiente escolar e quais estratégias pedagógicas e institucionais podem ser implementadas para promover uma cultura de paz e tolerância. A justificativa deste estudo reside na necessidade de aprofundar a compreensão sobre o fenômeno, considerando sua recorrência nas instituições de ensino e seus impactos negativos na formação dos sujeitos, além da urgência de subsidiar práticas educativas mais eficazes e humanizadas.

O objetivo geral deste estudo consiste em discutir os mecanismos de identificação do bullying e apresentar propostas de intervenção que contribuam para a construção de um ambiente escolar seguro e inclusivo. Nesse sentido, a pesquisa busca analisar os principais indicadores comportamentais, emocionais e sociais associados tanto às vítimas quanto aos agressores, considerando as diferentes manifestações desse fenômeno no contexto escolar. Além disso, procura compreender os efeitos do bullying no desenvolvimento integral dos estudantes, especialmente no que se refere aos aspectos cognitivos, afetivos e sociais. Paralelamente, propõe-se a refletir sobre estratégias educativas capazes de promover a empatia,

o respeito mútuo e a resolução pacífica de conflitos, entendendo tais elementos como fundamentais para a consolidação de uma cultura de paz e tolerância no ambiente educacional.

No que se refere aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, com base em produções acadêmicas relevantes sobre bullying e cultura de paz no contexto educacional. A análise dos referenciais teóricos permitiu identificar padrões recorrentes nas manifestações do fenômeno, bem como práticas exitosas de prevenção e intervenção no ambiente escolar.

As discussões evidenciam que a identificação do bullying exige uma observação sistemática e sensível por parte dos profissionais da educação, considerando sinais como mudanças comportamentais, isolamento, queda no rendimento escolar e alterações emocionais. Além disso, destaca-se que a ausência de políticas institucionais claras e de formação adequada dos educadores contribui para a naturalização e perpetuação dessas práticas. Por outro lado, iniciativas que integram educação socioemocional, mediação de conflitos, participação da família e construção coletiva de normas de convivência demonstram resultados positivos na redução da violência escolar.

Os resultados apontam que a promoção de uma cultura de paz e tolerância depende de ações contínuas, intencionais e articuladas, que envolvam toda a comunidade escolar. Isso implica não apenas a intervenção em situações de conflito, mas também a construção de um ambiente educativo que valorize a diversidade, o diálogo e o respeito mútuo como princípios fundamentais.

Em síntese, conclui-se que o enfrentamento do bullying requer uma abordagem sistêmica e preventiva, baseada na formação integral dos estudantes e no fortalecimento das relações interpessoais. A escola, ao assumir seu papel transformador, pode contribuir significativamente para a construção de uma sociedade mais justa, empática e inclusiva, na qual a cultura de paz não seja apenas um ideal, mas uma prática cotidiana consolidada.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica sistematizada. A opção por essa abordagem metodológica fundamenta-se na necessidade de compreender o fenômeno do bullying escolar em sua complexidade, considerando suas

múltiplas dimensões — sociais, emocionais, culturais e educacionais —, bem como as interações que se estabelecem no ambiente escolar. A natureza descritiva da pesquisa permite a identificação e análise das características do fenômeno, enquanto o caráter exploratório possibilita maior aproximação com o tema, ampliando a compreensão teórica e crítica sobre o problema investigado.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi conduzida a partir do levantamento, seleção e análise de produções acadêmicas relevantes, incluindo livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos institucionais que abordam o bullying, a violência escolar e a promoção da cultura de paz. A coleta de dados ocorreu por meio de consultas a bases de dados científicas e bibliotecas digitais, priorizando materiais publicados em periódicos reconhecidos na área da educação e das ciências humanas. Como critérios de inclusão, foram considerados textos que apresentassem contribuições teóricas consistentes e relação direta com o objeto de estudo; como critérios de exclusão, descartaram-se materiais redundantes ou que não dialogassem com a proposta da pesquisa.

Para a organização e interpretação dos dados, adotou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme pressupostos metodológicos amplamente utilizados em pesquisas qualitativas. Essa técnica possibilitou a identificação de categorias analíticas, tais como: conceituação do bullying, formas de manifestação, impactos no desenvolvimento dos estudantes e estratégias de prevenção no contexto escolar. A partir dessas categorias, foi possível realizar uma leitura crítica e comparativa das contribuições dos diferentes autores, evidenciando convergências, divergências e lacunas na literatura.

Destaca-se ainda que, por se tratar de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica, não houve necessidade de submissão a comitê de ética em pesquisa, conforme as diretrizes vigentes para estudos que não envolvem seres humanos diretamente. Da mesma forma, não foram utilizadas imagens, entrevistas ou quaisquer instrumentos de coleta empírica. Ainda assim, foram rigorosamente respeitados os princípios éticos da pesquisa científica, especialmente no que diz respeito à fidedignidade das informações, ao reconhecimento da autoria intelectual e à correta utilização das normas de referência.

Por fim, ressalta-se que a metodologia adotada permitiu não apenas a sistematização do conhecimento existente sobre o bullying escolar, mas também a construção de uma análise

crítica orientada para a proposição de estratégias educativas voltadas à promoção da cultura de paz e da convivência respeitosa no ambiente escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

O bullying escolar tem sido amplamente investigado no cenário internacional, consolidando-se como um fenômeno complexo que envolve múltiplas dimensões das relações sociais no ambiente educacional. A definição clássica proposta por Dan Olweus permanece como um dos principais referenciais teóricos, ao caracterizar o bullying como um comportamento agressivo, intencional e repetitivo, que ocorre em um contexto de desequilíbrio de poder entre agressor e vítima (OLWEUS, 1993). Segundo o autor, “um estudante está sendo vítima de bullying quando é exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas por parte de um ou mais estudantes” (OLWEUS, 1993, p. 9), o que evidencia a natureza sistemática e persistente do fenômeno.

A ampliação dessa perspectiva pode ser observada nos estudos de Smith e Sharp (1994), que enfatizam o caráter social do bullying, destacando que ele ocorre dentro de um contexto relacional e cultural específico. Para esses autores, o bullying deve ser compreendido como um comportamento aprendido e reforçado pelas dinâmicas grupais, o que exige intervenções que considerem o coletivo e não apenas os indivíduos diretamente envolvidos.

Rigby (2002), por sua vez, aponta que o bullying está associado a impactos significativos no bem-estar psicológico dos estudantes, afirmando que “as vítimas de bullying apresentam maior propensão ao desenvolvimento de ansiedade, depressão e baixa autoestima” (RIGBY, 2002, p. 34). Essa constatação reforça a necessidade de uma abordagem preventiva, que vá além da punição e priorize o cuidado com a saúde emocional dos alunos.

No campo da psicologia social, Salmivalli (2010) contribui ao compreender o bullying como um fenômeno grupal, no qual diferentes papéis são desempenhados pelos participantes. Segundo a autora, “o bullying é mantido por processos de grupo, nos quais espectadores podem reforçar ou inibir o comportamento agressivo” (SALMIVALLI, 2010, p. 118). Essa abordagem amplia a análise ao evidenciar que a omissão dos colegas pode contribuir para a perpetuação da violência, ao mesmo tempo em que aponta a importância de estratégias que envolvam toda a comunidade escolar.

Com o avanço das tecnologias digitais, o fenômeno assume novas configurações por meio do cyberbullying. De acordo com Kowalski, Limber e Agatston (2012), “o cyberbullying apresenta características únicas, como anonimato e ampla audiência, que potencializam seus efeitos negativos sobre as vítimas” (KOWALSKI; LIMBER; AGATSTON, 2012, p. 64). Essa forma de violência amplia o alcance do bullying para além do espaço físico da escola, tornando mais complexas as estratégias de intervenção.

No contexto brasileiro, Fante (2005) destaca que o bullying é uma forma de violência muitas vezes invisível, afirmando que “trata-se de um fenômeno silencioso, que se desenvolve longe do olhar atento dos adultos, mas que causa danos profundos às vítimas” (FANTE, 2005, p. 29). Abramovay (2005), por sua vez, relaciona a violência escolar às desigualdades sociais e culturais, enfatizando que a escola reflete as tensões presentes na sociedade.

No âmbito das propostas de enfrentamento, a promoção da cultura de paz emerge como uma abordagem central. A UNESCO (2014) define a cultura de paz como um conjunto de valores, atitudes e comportamentos que rejeitam a violência e buscam prevenir conflitos por meio do diálogo e da negociação. Nessa perspectiva, a escola deve atuar como espaço de construção de relações baseadas no respeito, na cooperação e na valorização da diversidade.

Adicionalmente, a educação socioemocional tem sido amplamente defendida como estratégia eficaz na prevenção do bullying. Segundo o CASEL (2015), “o desenvolvimento de competências socioemocionais contribui significativamente para a redução de comportamentos agressivos e para a melhoria do clima escolar” (CASEL, 2015, p. 5). Essas competências incluem empatia, autocontrole, habilidades sociais e tomada de decisão responsável, sendo fundamentais para a convivência pacífica.

Dessa forma, o referencial teórico evidencia que o bullying é um fenômeno multifacetado, que exige uma abordagem interdisciplinar e integrada. As contribuições de autores nacionais e internacionais permitem compreender sua complexidade e reforçam a necessidade de ações educativas contínuas e estruturadas. Assim, a trajetória teórica apresentada sustenta a análise desenvolvida neste estudo, orientando a reflexão sobre práticas pedagógicas voltadas à promoção da cultura de paz e da tolerância no ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do corpus bibliográfico, realizada a partir de uma perspectiva qualitativa e interpretativa, possibilitou não apenas a identificação de categorias analíticas centrais, mas também a compreensão do bullying como um fenômeno estrutural, historicamente situado e socialmente produzido. Nesse sentido, a sistematização dos dados evidenciou diferentes dimensões inter-relacionadas do fenômeno, contemplando suas tipologias e reconfigurações contemporâneas, as dinâmicas de identificação e invisibilização no contexto escolar, os impactos multidimensionais no desenvolvimento humano e, ainda, os limites e as possibilidades das estratégias de enfrentamento. Essa abordagem integrada permite compreender o bullying para além de manifestações isoladas de violência, evidenciando sua complexidade e sua inserção nas relações sociais que permeiam o ambiente educacional.

No que concerne às tipologias do bullying, os achados evidenciam que, embora a literatura clássica, representada por Olweus (1993), tenha estabelecido parâmetros fundamentais — como a intencionalidade, a repetição e o desequilíbrio de poder —, estudos contemporâneos indicam uma ampliação significativa dessas categorias, especialmente no que se refere às formas indiretas e simbólicas de violência. Tais formas, como a exclusão social sistemática, a manipulação de relações e a disseminação de discursos discriminatórios, assumem centralidade nas interações escolares atuais. Nesse sentido, Bourdieu (1998) contribui ao compreender essas práticas como expressões de violência simbólica, que se legitimam nas estruturas sociais e se reproduzem de maneira naturalizada. Assim, o bullying deixa de ser compreendido apenas como comportamento individual desviante, passando a ser analisado como prática social que reflete e reproduz desigualdades.

A emergência do cyberbullying intensifica essa discussão ao introduzir novas dinâmicas de poder e visibilidade. Conforme destacam Kowalski, Limber e Agatston (2012), o ambiente virtual amplia o alcance da violência, ao mesmo tempo em que dilui as fronteiras entre espaço público e privado. Essa característica potencializa os efeitos do bullying, uma vez que a exposição da vítima torna-se contínua e amplificada, dificultando mecanismos de proteção e intervenção. Além disso, o anonimato relativo proporcionado pelas tecnologias digitais contribui para a desinibição dos agressores, fenômeno que, segundo Patchin e Hinduja (2015), está diretamente relacionado à intensificação de comportamentos agressivos online.

No eixo das dinâmicas de identificação, os resultados evidenciam uma problemática central: a invisibilização do bullying no cotidiano escolar. Apesar da existência de indicadores amplamente descritos na literatura, como isolamento, alterações emocionais e queda no desempenho acadêmico, observa-se uma dificuldade significativa por parte das instituições em reconhecer e intervir precocemente nessas situações. Rigby (2002) aponta que os efeitos do bullying são frequentemente subestimados, sobretudo quando não envolvem agressões físicas visíveis. Essa lacuna pode ser compreendida, em parte, pela naturalização de práticas violentas no ambiente escolar, muitas vezes interpretadas como “brincadeiras” ou “conflitos normais” entre estudantes.

A contribuição de Salmivalli (2010) é fundamental para aprofundar essa análise, ao propor o modelo do bullying como fenômeno grupal. Segundo a autora, a manutenção do bullying está diretamente relacionada ao papel dos espectadores, que podem atuar como reforçadores, defensores ou observadores passivos. Essa perspectiva desloca o foco da análise para a dimensão coletiva, evidenciando que o silêncio e a omissão funcionam como mecanismos de legitimação da violência. Dessa forma, a identificação do bullying exige não apenas a observação de comportamentos individuais, mas a compreensão das dinâmicas relacionais que sustentam essas práticas.

No que se refere aos impactos multidimensionais, os resultados apontam para consequências que ultrapassam o âmbito escolar, afetando profundamente o desenvolvimento integral dos sujeitos. Do ponto de vista psicológico, estudos como os de Arseneault (2018) indicam que vítimas de bullying apresentam maior probabilidade de desenvolver transtornos como ansiedade, depressão e estresse pós-traumático. No campo educacional, observa-se comprometimento do processo de aprendizagem, evasão escolar e desengajamento acadêmico. Já no plano social, as experiências de vitimização podem impactar a construção da identidade e a capacidade de estabelecer relações interpessoais saudáveis.

Além disso, a literatura contemporânea amplia essa análise ao considerar os efeitos do bullying também sobre os agressores e espectadores. Segundo Espelage e Swearer (2011), agressores tendem a apresentar maior propensão a comportamentos antissociais na vida adulta, enquanto espectadores podem desenvolver sentimentos de culpa, medo e insegurança. Essa abordagem reforça a ideia de que o bullying compromete o clima escolar como um todo, configurando-se como um problema coletivo e institucional.

No eixo das estratégias de enfrentamento, os dados analisados indicam uma transição paradigmática significativa. Abordagens tradicionais, centradas na punição e no controle disciplinar, mostram-se insuficientes para lidar com a complexidade do fenômeno. Em contrapartida, modelos baseados na prevenção, na educação socioemocional e na promoção da cultura de paz apresentam maior potencial transformador. Nesse contexto, o referencial proposto pelo CASEL (2015) destaca-se ao enfatizar o desenvolvimento de competências como empatia, autorregulação e habilidades de relacionamento, consideradas fundamentais para a redução de comportamentos agressivos.

A perspectiva da UNESCO (2014) reforça essa abordagem ao defender a construção de ambientes escolares fundamentados no diálogo, na cooperação e no respeito à diversidade. No entanto, os resultados indicam que a implementação dessas práticas ainda enfrenta desafios significativos, como a falta de formação específica dos educadores, a ausência de políticas institucionais consistentes e a limitada articulação entre escola, família e comunidade.

De forma crítica, a análise evidencia uma dissociação entre o avanço teórico na compreensão do bullying e sua efetiva operacionalização nas práticas escolares. Tal lacuna aponta para a necessidade de uma abordagem sistêmica e intersetorial, que articule diferentes atores e níveis de intervenção. Nesse sentido, o bullying deve ser compreendido não apenas como um problema disciplinar, mas como um fenômeno social que exige respostas educativas, políticas e culturais.

9

Como contribuição analítica, este estudo propõe a compreensão do bullying a partir de uma perspectiva estrutural e relacional, na qual a promoção da cultura de paz e da tolerância não se configura apenas como estratégia de prevenção, mas como princípio organizador das práticas educativas. Isso implica a reconfiguração das relações de poder no ambiente escolar, a valorização da diversidade e a construção de espaços de participação e diálogo.

Assim, os resultados e discussões apresentados reforçam a necessidade de superar abordagens fragmentadas e avançar na construção de políticas e práticas educativas integradas, capazes de promover não apenas a redução do bullying, mas a transformação das relações sociais no contexto escolar. Trata-se, portanto, de um desafio que exige compromisso coletivo, investimento institucional e uma profunda revisão das práticas pedagógicas, em direção a uma educação mais inclusiva, ética e humanizadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou uma análise abrangente e crítica do fenômeno do bullying no contexto escolar, evidenciando sua natureza complexa, multifatorial e profundamente enraizada nas dinâmicas sociais e institucionais que permeiam o ambiente educacional. Ao longo do estudo, foi possível compreender que o bullying não se restringe a comportamentos agressivos pontuais, mas se configura como uma prática relacional estruturada por assimetrias de poder, processos de exclusão e mecanismos de naturalização da violência, muitas vezes invisibilizados no cotidiano escolar. Tal constatação reforça a necessidade de uma abordagem teórica e prática que ultrapasse interpretações simplistas, reconhecendo o fenômeno em sua dimensão sistêmica e socialmente construída.

Os resultados analisados evidenciaram que a identificação do bullying ainda representa um desafio significativo para as instituições de ensino, especialmente diante da predominância de formas indiretas e simbólicas de agressão, como a exclusão social, a intimidação psicológica e o cyberbullying. Essas manifestações, por sua natureza silenciosa e difusa, dificultam a percepção por parte dos educadores e demais profissionais da escola, contribuindo para a perpetuação do problema. Além disso, observou-se que os sinais apresentados pelas vítimas — tais como isolamento, alterações emocionais, queda no rendimento escolar e baixa autoestima — nem sempre são devidamente reconhecidos ou interpretados como indicativos de situações de violência, o que evidencia lacunas na formação e na atuação pedagógica.

10

No que se refere aos impactos, a pesquisa demonstrou que o bullying afeta de maneira significativa o desenvolvimento integral dos estudantes, comprometendo não apenas o desempenho acadêmico, mas também a saúde mental, a construção da identidade e a qualidade das relações interpessoais. As consequências observadas, que incluem ansiedade, depressão, insegurança e dificuldades de socialização, podem se estender para além do período escolar, influenciando negativamente a trajetória de vida dos indivíduos. Ademais, constatou-se que os efeitos do bullying não se limitam às vítimas, alcançando também os agressores e os espectadores, o que reforça a compreensão do fenômeno como um problema coletivo, que impacta o clima escolar como um todo.

No campo das estratégias de enfrentamento, os achados indicam que abordagens centradas exclusivamente na punição dos agressores mostram-se insuficientes para lidar com a

complexidade do fenômeno. Em contrapartida, práticas pedagógicas fundamentadas na promoção da cultura de paz, na valorização da diversidade e no desenvolvimento de competências socioemocionais apresentam maior potencial de transformação. A educação socioemocional, nesse contexto, destaca-se como uma ferramenta essencial para o fortalecimento de habilidades como empatia, autocontrole, respeito mútuo e resolução pacífica de conflitos, contribuindo para a construção de relações mais saudáveis no ambiente escolar.

Do ponto de vista da aplicabilidade, os resultados desta pesquisa oferecem subsídios relevantes para a elaboração e implementação de políticas educacionais e institucionais mais eficazes no enfrentamento do bullying. Destaca-se a importância da formação continuada de professores, da criação de protocolos claros de intervenção, da promoção de espaços de escuta e diálogo e do fortalecimento da parceria entre escola, família e comunidade. Tais ações, quando articuladas de forma integrada e contínua, podem contribuir significativamente para a construção de um ambiente escolar mais seguro, inclusivo e acolhedor.

Além disso, a pesquisa evidencia a necessidade de se repensar o papel da escola como espaço não apenas de transmissão de conhecimentos, mas também de formação ética, social e emocional dos estudantes. Nesse sentido, a promoção da cultura de paz e da tolerância deve ser incorporada como princípio estruturante das práticas pedagógicas, orientando a construção de um projeto educativo comprometido com a convivência democrática e o respeito às diferenças.

11

Por fim, ressalta-se a importância da continuidade das investigações no campo do bullying escolar, especialmente por meio de pesquisas empíricas que possam analisar, em contextos específicos, a eficácia de programas de prevenção e intervenção. Estudos futuros poderão aprofundar a compreensão das dinâmicas locais do fenômeno, bem como contribuir para o desenvolvimento de estratégias mais contextualizadas e adaptadas às realidades educacionais. Assim, conclui-se que o enfrentamento do bullying demanda um compromisso coletivo, contínuo e articulado, no qual a escola, em diálogo com a sociedade, desempenha papel fundamental na construção de uma cultura de paz, respeito e justiça social.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2005.

ARSENEAULT, Louise. Annual research review: the persistent and pervasive impact of being bullied in childhood and adolescence: implications for policy and practice. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, London, v. 59, n. 4, p. 405-421, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CASEL (Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning). *2015 CASEL guide: effective social and emotional learning programs*. Chicago: CASEL, 2015.

ESPELAGE, Dorothy L.; SWEARER, Susan M. A social-ecological model for bullying prevention and intervention: understanding the impact of adults in the social ecology of youngsters. In: JIMERSON, Shane R.; SWEARER, Susan M.; ESPELAGE, Dorothy L. (org.). *Handbook of bullying in schools: an international perspective*. New York: Routledge, 2011. p. 61-72.

FANTE, Cleo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.

KOWALSKI, Robin M.; LIMBER, Susan P.; AGATSTON, Patricia W. *Cyberbullying: bullying in the digital age*. 2. ed. Malden: Wiley-Blackwell, 2012.

OLWEUS, Dan. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford: Blackwell Publishing, 1993.

PATCHIN, Justin W.; HINDUJA, Sameer. *Bullying beyond the schoolyard: preventing and responding to cyberbullying*. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2015.

RIGBY, Ken. *New perspectives on bullying*. London: Jessica Kingsley Publishers, 2002.

SALMIVALLI, Christina. Bullying and the peer group: a review. *Aggression and Violent Behavior*, Oxford, v. 15, n. 2, p. 112-120, 2010.

SMITH, Peter K.; SHARP, Sonia (org.). *School bullying: insights and perspectives*. London: Routledge, 1994.

UNESCO. *School violence and bullying: global status report*. Paris: UNESCO, 2014.